

CORONEL DE BARRANCO, DE CLÁUDIO DE ARAÚJO LIMA, E A AMAZÔNIA DO ÁUREO PERÍODO DA BORRACHA NA LITERATURA BRASILEIRA EM 1970

MARLI TEREZA FURTADO (UFPA)¹

Resumo: Entre a leva de escritores que retomaram o tema da economia da borracha na região amazônica, encontra-se Cláudio de Araújo Lima (1908/1978), que publicou *Coronel de barranco*, em 1970, cujo enredo se localiza entre 1876 e 1926, cinquenta anos que abarcam o período áureo e a decadência do chamado primeiro ciclo da borracha na Amazônia. Embora pouco conhecida, essa obra ganhou uma segunda edição em 2002 e tem sido objeto de alguns estudos acadêmicos. Analisaremos a obra em destaque, observando em que medida avança ou recua na retratação da Amazônia do período gomífero, bem como o papel do autor no contexto da literatura brasileira.
Palavras-chave: *Coronel de barranco*; Amazônia; avanços; recuos.

Em 1970, o manauara Cláudio de Araújo Lima lança, pela editora Civilização Brasileira, o romance *Coronel de Barranco*, com enredo localizado na Amazônia brasileira, entre os anos de 1886 e 1926, focalizando o chamado primeiro ciclo da borracha. Quarto e último romance do autor, mas não seu último trabalho, já que publicou cinco livros de ensaio e três outros de Ensaio-biografia, segundo nos informa J. Almerindo Rosa, no estudo crítico que abre a segunda edição da obra, editada pela editora Valer e pelo Governo do estado do Amazonas, em 2002.

A princípio, não chamaria a atenção para o historiador da literatura brasileira, verificar o surgimento de uma obra que, mais uma vez, revelaria a vida em um seringal amazônico, servindo de amostragem de uma série delas que registraram o que se passava nos tantos seringais brasileiros durante a celebrada e por que não dizer, celerada, economia da borracha brasileira. No entanto, vários dados direcionam o historiador ou crítico literário para sua reflexão a respeito desse romance, a começar pelo ano de seu surgimento.

Verificando a data de 1970, abertura de uma década marcada pelo signo ostensivo da ditadura militar e da censura que se arrastavam desde 1964 e que nela recrudesceriam, observamos que Cláudio Araújo Lima não estava sozinho a enfocar literariamente a

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras, na área de estudos literários, na Universidade Federal do Pará. Contato: marlitf@ufpa.br

Amazônia seringueira. Em 1961, o cearense José Potyguara lançou *Terra caída*, também sobre a saga das seringas. Em 1972, o acreano Miguel Jeronimo Ferrante publicará *Seringal*, cujo título dispensa comentário; em 1975, o amazonense Márcio Souza editará *Galvez Imperador do Acre*. Nessa década de setenta, o paraense Dalcídio Jurandir publicará quatro dos romances que fecham o ciclo *Extremo Norte*, dos quais destacamos o último deles, *Ribanceira*, de 1978, que se passa no interior do Pará e cujo título é uma sinonímia de barranco, do título de Cláudio de Araújo Lima.

No entanto, entre esses autores, Márcio Souza destaca-se por ter reelaborado uma tradição literária ao optar por uma obra traçada com as tintas da paródia e do pastiche; já, Dalcídio Jurandir completava um ciclo literário de dez romances, iniciado no final da década de 1930, com *Chove nos campos de Cachoeira*, obra insurgente contra a linha tradicional de então. E *Ribanceira* completa essa insurgência ao se configurar uma obra tão fragmentária que a chamamos de esfacelada, na contramão de certo realismo-naturalismo dos anos de 70.

A essas alturas, convém assinalar que, no retrato da Amazônia, na primeira metade do século XX, destaca-se um grande número de narrativas cujos autores se ativeram ao paradigma estabelecido a partir de *À margem da História*, de Euclides da Cunha, publicado logo após sua morte, em 1909. Se olharmos mais atentamente, entretanto, veremos que o retrato patético da saga da seringa começou com José Veríssimo, em *Cenas da vida amazônica*, de 1886, onde aparecem dois esboços denominados: *Indo para a seringa* e *Voltando da seringa*. Conforme o nome aponta, ambos os esboços se completam de forma antitética, pois no primeiro uma família, composta de pai, mãe, filho e duas filhas, fecha a casa do sítio em que habita e seus componentes, cheios de planos, vão para a seringa. O narrador repete, com frequência, o dístico “Vão para a seringa/Vão para a fortuna”. Ele indica que o pai da família é uma espécie anfíbia, própria da Amazônia, por ser lavrador e pescador. Deixa claro, também, que existe uma febre local de ir para a seringa em determinada época do ano. Esta é uma novidade de Veríssimo que destaca a febre local de ir para a seringa e não se atém a retratar os imigrantes que entraram na Amazônia para tal exploração.

No esboço *Voltando da seringa*, o narrador fecha o texto com a frase: “No sítio só ficou a dor, a miséria e a desonra” (VERÍSSIMO, 2011, p. 270), o que vale, para nós,

leitores registrar o patético esfacelamento da família, já que em digressões, o narrador nos contara, antes de encerrar a narrativa, os passos daquela miséria.

O paradigma euclidiano se explica devido ao sucesso do autor com *Os sertões*, de 1902, o que lhe legou status de escritor de estilo paradigmático; mas lembremos que ele revelou em seus textos, em sua grande maioria ensaísticos, a preocupação social própria do realismo/naturalismo a que se filiou, conforme sua formação naquele contexto finissecular brasileiro. Daí além dos traços estilísticos de um discurso assentado no uso continuado de figuras de linguagem, sobremaneira na hipérbole, destacam-se em sua obra o diálogo com uma série de viajantes do século XIX, citados por ele, e o tom de uma denúncia social indignada. E da Amazônia, sobressai-se a denúncia ao despótico sistema de aviação do seringueiro que o tornava um escravo em seu trabalho e transformava a região, para os trabalhadores imigrantes, um inferno em vez do paraíso onde se poderia construir riqueza a todos.

Rastreando, ligeiramente, as narrativas que seguiram o paradigma euclidiano, percebemos que grande número delas ficou entre o relato e o estudo sobre a Amazônia, com pretensões literárias, nem sempre atingidas. É o caso de *Os seringais* (1914), de Mário Guedes; de *Terra Imatura* (1923), de Alfredo Ladislau; de *Terra Verde* (1925), de Adauto Fernandes. Merecem referência aquelas que conseguiram superar a barreira do tom ensaístico e atingiram, algumas mais, outras menos, a ficcionalidade. Começamos esse rol com *Inferno verde* (1908), de Alberto Rangel e continuamos com: *Deserdados*, do cearense Carlos de Vasconcelos (1871-1923), editada em 1921 e *Terra de ninguém*, de Francisco Galvão, de 1934. Coube ao paraense Abguar Bastos (1904-1995) elaborar uma proposta inovadora, ao estilo de manifesto, com a obra *Terra de Icamiba*, editada em 1931, com o título *A Amazônia que ninguém sabe*, publicação concomitante à do português Ferreira de Castro, *A selva*, que, devido à boa tessitura romanesca, ficou conhecida e transcendeu as cercanias daqueles anos. O paraense continuou publicando romances localizados na Amazônia, nos legando, em 1935 *Certos caminhos do mundo* e em 1937 *Safra*. Cabe destaque, ainda, ao romance *Ressuscitados* (1936), de Raimundo Moraes.

Posto este sumário de narrativas, entremos na obra *Coronel de barranco* para verificar os avanços e recuos da proposta de Cláudio de Araújo Lima na configuração “tardia” da Amazônia gomífera. Apontamos, primeiramente, o que consideramos

acréscimos, ou seja, os avanços, para depois nos determos nos recuos, designação do que seria repetição do modelo anterior aos autores que já tinham apresentado propostas mais avançadas no assunto, ou na figuração da região.

Trazemos Rafael Voigt Leandro, com seu *Os ciclos ficcionais da borracha e a formação de um memorial literário da Amazônia* (2016), para concordar com ele e enfatizar um dos pontos mais interessantes da obra de Cláudio de Araújo Lima: a “[...] perspectiva que pretende dar conta do confronto entre a borracha da plantação asiática e a decadência da borracha amazônica [...]”. (2016, p. 148). A perspectiva historiográfica das consequências da biopirataria exercida pelo inglês Henry Wickham é discutida na obra ao focalizar de perto a pirataria consentida pela obtusidade dos brasileiros e, depois, o avanço da crise em nossa economia, conforme crescem, ano a ano, os números da produção asiática, sempre ignorada por aquela elite obtusa e despreparada para um plano racional de competição produtiva.

Outro traço inovador é a focalização da narrativa via narrador autodiegético que empreende a aventura de escrever um livro em que focalize sua memória pessoal, essencialmente atrelada ao contexto brasileiro e internacional da borracha, o que o levaria a uma memória coletiva, pois conforme Halbwachs (2003, p. 72) “A memória individual não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade”.

Nesse alinhamento de inovações, viria a forma como trabalhou o enredo, composto de 23 capítulos divididos em três partes. Na primeira parte, denominada “as sementes”, composta apenas de três capítulos, temos a abertura da narrativa via memória. O narrador determina que “tudo se passou, nos longes de cinquenta anos”, introduzindo os anos de sua juventude, meados de 1876, e associando ao tempo, o espaço: “um trecho de mundo que se estende entre a foz do Madeira e a boca do Tapajós” (LIMA, 2002, p. 39). Mas sua memória é acionada, no ano de 1926, pelo som do barulho e pela plasticidade das cores de um bando de araras “azuis e amarelas e verdes e encarnadas” LIMA, 2002, p. 370), quando cruzava um rio. Com bastante objetividade, no entanto, o narrador retrata, em seguida, os anos de sua adolescência em que, após estudos em Manaus, vivia no seringal Tristeza, de seu tio. Lá, ele tem contato com Henri Wickam e, não só o ajuda na

coleta das setenta mil sementes contrabandeadas, como é lavado por ele à Inglaterra. Vale assinalar a simbologia do nome “tristeza” para o seringal.

Na segunda parte da narrativa, denominada “as árvores”, temos dezesseis capítulos, marcados pelo retorno de Matias Cavalcanti de Lima e Albuquerque, o narrador, para Manaus, depois de quase trinta anos de Europa e Ásia. É indicado o ano de 1904 e o narrador, Matias, a despeito de todo o verniz que adquiriu, vai trabalhar para o coronel Cipriano, no seringal Fé em Deus, no Acre. Perceba-se a diferença no nome do seringal. Mas, apesar da “fé em Deus”, o coronel Cipriano, que acaba protagonizando essa parte do enredo, se deixa dominar pelo trágico ao se tornar um feminicida.

Na terceira parte, cujo nome é também simbólico “as cinzas”, temos quatro capítulos que retratam, a princípio, os anos da derrocada da borracha brasileira, 1914, 1915, 1916 e 1917, também anos da I guerra mundial. E depois, em aceleração, o narrador nos conta de sua volta à Europa e de seu novo e talvez definitivo retorno aos seringais, já quase septuagenário, no ano de 1926, fechando a narrativa com a imagem das araras, o que desengatilhou sua memória no primeiro capítulo.

Além dessa divisão centrada em uma imagem metonímica nas duas primeiras partes (as sementes, as árvores) e uma metafórica na última (as cinzas), no final do enredo há uma certa surpresa para o leitor, uma vez que o narrador inicia, no seringal que então herdou de Cipriano, uma proposta diferente de colonização, permitindo ao trabalhador que plante seus roçados, cace e pesque para o sustento, além de que constitua família. Essa proposta pode ser lida como um projeto de colonização em oposição à exploração excessiva do sistema de aviação/barracão, representação do inferno verde amazônico.

Em se falando em sistema de aviação, esta obra em tela é uma das únicas a enfatizar em vários momentos que o mais importante em um seringal era o armazém/barracão por meio do qual se garantia a prisão do trabalhador e a certeza de lucro para o seringalista. Por outro lado, o barracão abarrotado, desde os produtos essenciais até quinquilharias desnecessárias, representava poder para o coronel seringalista, pois tinha a confiança de seus aviadores.

Uma das novidades da obra é que o coronel Cipriano, protótipo dos coronéis retratados pelas séries anteriores, repetindo a caracterização de ignorante e alienado, capaz de exercer seu autoritarismo com perversidade para manter “a lei do patrão” em seu seringal, é um cearense que conseguiu driblar a “ordem estabelecida” quando

seringueiro, praticando tudo o que era considerado falcatrú para enganar o “patrão” e conseguiu acumular dinheiro a ponto de comprar o “Fé Em Deus”, onde reina absoluto, demonstrando gentileza e sensibilidade apenas no relacionamento que estabelece com Matias.

E entre o grupo de “brabos”, conforme eram chamados os recém chegados aos seringais, que chegou com o narrador Matias de Albuquerque, encontra-se Joca, cearense que tentará repetir os passos de Cipriano para acumular crédito e voltar para a terra natal. Apesar de fortemente punido por Cipriano, ele consegue sair com saldo, mas ao contrário de seu patrão e conterrâneo, perdeu-se na ilusão consumista ao chegar em Manaus, representação da urbe farfalhante implementada pelo dinheiro advindo da economia gomífera, e gastou tudo o que tinha, o que fez retornar ao seringal Santa Fé e de lá sair apenas morto.

Nesse jogo de contraste entre o cearense que vence as adversidades daquele sistema e enriquece, mas aprisiona tantos quantos possíveis, e o outro que fenece em função da perversidade daquela organização, podemos demonstrar os recuos da obra *Coronel de barranco* na figuração da Amazônia. Falta densidade às personagens mais representativas, sempre focalizadas por Matias de Albuquerque de forma direta, próprio de um narrador heterodiegético, mas que não exerce a onisciência. Ele focaliza as personagens por suas atitudes e falas, nunca de forma indireta, via discurso indireto livre, ou monólogos interiores, que ajudariam a problematizar mais as personagens e seus respectivos dramas. Há contrastes na obra, mas não há tratamento dialético para os fenômenos, daí o enredo fluir rápido, apesar de todo o jogo tempo/espço de avanços e recuos estabelecido pelo narrador entre o seringal no Acre, Manaus, Europa, Ásia.

Essa falta de densidade explica a atonia do leitor em não conseguir decifrar o que de fato liga o narrador Matias de Albuquerque, homem culto, admirador da arte, leitor de altas literaturas, de paladar refinado, ao coronel Cipriano Maria da Conceição, homem tosco, frio, indiferente e visionário com as questões da borracha, capaz de matar a mulher que o traiu e o roubou, mas sensível a ponto de doar o seringal a Matias de Albuquerque, possibilitando a ele praticar a outra ordem, agora baseada em relações de confiança e lealdade entre seringalista e seringueiro, ao que nos indagamos: romantismo de Araújo Lima?

E a esse narrador memorialista falta densidade também para seguirmos as razões que realmente o movem, apesar de aparecerem as mulheres Rosinha e Mitsi, cujas tragédias, a primeira foi assassinada, a segunda morreu de tuberculose, acionaram as mudanças espaciais e interiores de Matias.

Novamente, trazemos Rafael Voigt Leandro (2016) para concordar com ele quando diz que embora o romance se proponha a trabalhar a memória, seu enfoque é mais historiográfico, pois perde-se muito da dimensão afetiva da memória, sendo a memória suplantada pela história hegemônica.

São os aspectos históricos que sobressaem na obra, quer pensemos na representação de personagens históricos, como o inglês Wickam, ou em fatos históricos como a revolução acreana liderada por Plácido de Castro, o roubo consentido das sementes da seringueira, ou na representatividade dos seringais traçada com as tintas do realismo e algumas pequenas manchas do naturalismo, também presentes na literatura brasileira pós 64, embora, de acordo com Karl Erick Scholhammer (2007), um dos veios da literatura brasileira da época revela-se no brutalismo, próprio da revelação das lutas sociais emergentes do considerado submundo das grandes cidades.

Assim, em nossa opinião, por falta de domínio da técnica romanesca, Cláudio de Araújo Lima perdeu a oportunidade de suplantar o que já estava rançoso na tradição do retrato da Amazônia gomífera e antecipar Márcio Souza que, cinco anos depois, limpa todo o ranço e alarga o espaço, aberto sobretudo por Dalcídio Jurandir, cujo retrato da Amazônia seringueira se deu em um episódio apenas de *Três casas e um rio*, de 1958, e na década de 1970 nos figurava uma Amazônia que ainda não se levantara da queda daquela economia esfuziante, em seu livro *Ribanceira*.

Estava aberto o caminho para Milton Hatoum, cuja terceiro romance publicado intitula-se *Cinzas do norte*, ligação gratuita com o título da terceira parte de *Coronel do barranco*, “cinzas”?

Referências

JURANDIR, Dalcídio. *Ribanceira*. Rio de Janeiro: Record, 1978.

LEANDRO, Rafael Voigt. *Os ciclos ficcionais da borracha e a formação de um memorial literário da Amazônia*. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016. JURANDIR, Dalcídio.

LIMA, Cláudio de Araújo. *Coronel de Barranco*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

ROSA, J. Almerindo. “Apresentação”. In: LIMA, Cláudio de Araújo. *Coronel de Barranco*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

SCHOLLHAMMER, Karl Erick. “Breve mapeamento das relações entre violência e cultura no Brasil contemporâneo”. In: *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. Dossiê “Escritas da violência”, n.º 29, Brasília, Janeiro/junho de 2007.

VERÍSSIMO, José. *Cenas da vida amazônica*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.